

Imagens do MIS

Série expositiva de fotografia | 2021-2022

Diálogos *COMO* tempo



CADERNOS
DO MIS-PR

EDIÇÃO Nº 25

Imagens do MIS

Série expositiva de fotografia | 2021-2022

Diálogos *COMO* tempo

Foto da Capa

Senhora e o Tempo.

Reprodução de negativo em chapa de vidro

Décadas de 1930 e 1940.

Coleção Dario Vellozo,

Acervo MIS-PR

SUMÁRIO

Apresentação.....	05
Exposição Imagens do MIS, Diálogos com o tempo.....	11
O tema da exposição	15
Coleções iconográficas	19
Público e museu	25
A audiodescrição, proposta inclusiva.....	29
Circuito expositivo	33
Documentários	63
Abertura	65
Montagem das salas expositivas.....	71
Anexo 1: Coleção Cadernos do MIS	76
Anexo 2: Evolução da fotografia	78



Senhora e o tempo. Reprodução de negativo em chapa de vidro.
Coleção Dario Vellozo

Apresentação



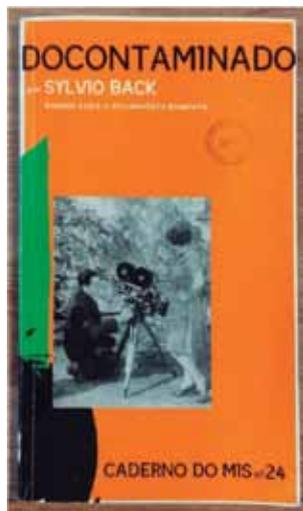
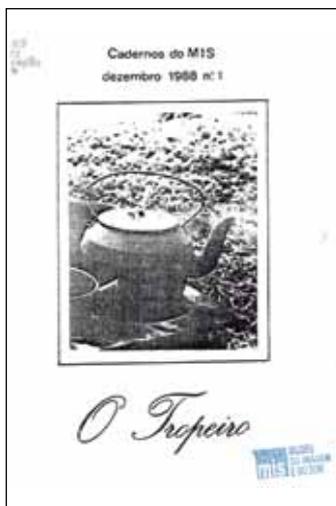


Entrada do MIS-PR com totem da exposição.

O Museu da Imagem e do Som do Paraná apresentou na década de 1980 uma proposta singular, a publicação periódica dos **CADERNOS DO MIS-PR**; proposta então inovadora que permitia à instituição abordar temas históricos relacionados ao audiovisual no Paraná e mostrar ao público o seu acervo, por meio de edições que abordavam as coleções sob a guarda do museu.

O primeiro caderno a ser publicado foi **O Tropeiro**, em dezembro de 1988, quando a instituição era dirigida pelo escritor e pesquisador Valêncio Xavier; o mais recente, de número 24, abordou ensaios sobre o documentário brasileiro pelo cineasta paranaense Sylvio Back, intitulado **Docontaminado**, no ano de 2001. Nessa edição, a instituição era dirigida pelo professor, pesquisador e crítico de cinema Francisco Carlos Nogueira.”

Desde então, e em razão de mais uma mudança de sede, sendo alojada por mais de uma década no Complexo da Santa Cândida, no bairro Santa Cândida em Curitiba, os cadernos históricos deixaram de ser publicados.



Cadernos do MIS nº 1, **O Tropeiro**, 1988
e Cadernos do MIS nº 24, **Docontaminado**, 2001
Acervo biblioteca MIS-PR

Esta edição de março de 2022 tem um caráter fundamental, não só porque retoma a publicação dos cadernos, mas porque com o retorno à sede definitiva no Palácio da Liberdade, na Rua Barão do Rio Branco nº 395, o museu pôde readequar seu acervo e retomar plenamente suas atividades, de caráter público e de disseminação do conhecimento sobre o audiovisual na história do Estado.

Intitulado **Imagens do MIS, Diálogos com o tempo**, este caderno, o de número **25**, é um marco desta retomada, e é resultado de uma proposta de exposições sobre a fotografia, iniciada com esta exposição, aberta em 30 de novembro de 2021 nas salas expositivas temporárias no pavimento térreo da instituição. Oferecer ao público este caderno é, de certa maneira, propor um reolhar para a rica história do MIS-PR e seu acervo; patrimônio histórico e cultural de todos os paranaenses e brasileiros.





Círculo da exposição.



Visitantes na abertura da exposição.



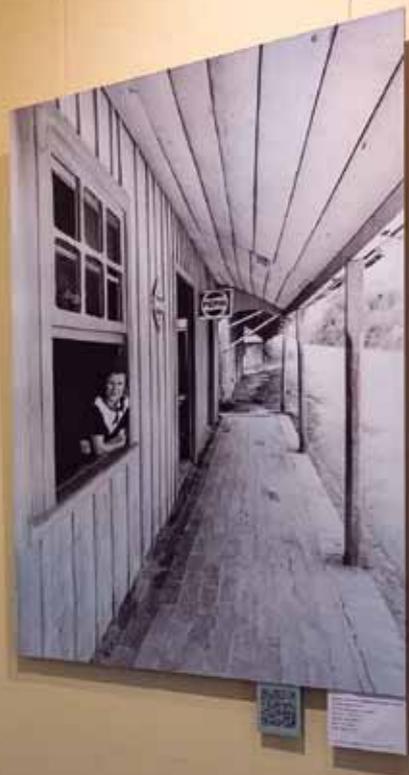
Imagens do MIS

O Museu da Imagem e do Som do Paraná – MIS-PR iniciou em 2021 um circuito de exposições temporárias homenageando a fotografia, especialmente a feita no Paraná. Faz parte do projeto um programa de exposições com conteúdos historiográficos e que valorizam, além do acervo da instituição, alguns fotógrafos e fotógrafas que nos legaram obras importantes, tanto pelo aspecto estético quanto pela importância documental sobre a cultura e a história paranaense.

Exposição Diálogos com o tempo

A primeira exposição realizada, *Imagens do MIS, Diálogos com o tempo*, aberta ao público entre 30 de novembro de 2021 e 27 de março de 2022, no pavimento térreo da instituição, propondo um recorte iconográfico das coleções de fotografia do museu, bem como de objetos tridimensionais do acervo vinculados à história da fotografia.





Circuito da exposição.



Câmera fotográfica de fole AGC Prontor, década de 1930.
Coleção Tridimensionais, MIS-PR.



O tema da exposição



Antigas chapas fotográficas de vidro. Coleção Guilherme Glück, MIS-PR.

O conceito fundamental da exposição¹, seu tema central, foi, além de abordar sinteticamente o percurso da fotografia, desde a apresentação do primeiro daguerreótipo (instrumento precursor da moderna câmera fotográfica, inventado pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre e apresentado pela primeira vez em 1839) no Rio de Janeiro, entre 1839 e 1840², durante o período da Regência, na Corte do Imperador D. Pedro II³, valorizar o acervo da instituição – sobretudo as coleções em suporte de negativos em chapas de vidro, antigo formato de registro da imagem fotográfica⁴.

Com um recorte temporal no século XX, entre as décadas de 1910 e 1980, as imagens expostas, e os objetos, perfazem um contexto narrativo historiográfico das paisagens e da cultura do Paraná. Mostrando aspectos da colonização do Estado, do desenvolvimento econômico e das expressões culturais (como festas populares e religiosas), denunciando também a invisibilidade da exploração dos povos indígenas e das populações escravizadas afro-brasileiras, entre outros.

1 Equipe da Curadoria: José Luiz de Carvalho, Gefferson Vaz, Cicely Salamunes e Raianne da Luz Vaz.

2 Fonte: Biblioteca Nacional Digital, *Jornal do Commercio*, Anno XV, nº 15, 17.01.1840, *Noticias Científicas – Photographia*.

3 D. Pedro II foi um dos monarcas que mais incentivou a prática da fotografia, tendo inclusive praticado a arte de fotógrafo e sido um dos primeiros a possuir um daguerreótipo. O acervo pessoal do imperador, doado à Biblioteca Nacional quando da deposição em 1889 e parte da Coleção Dona Theresa Christina Maria, possuía mais de 25 mil imagens fotográficas.

4 Surgidos já na metade do século XIX, os negativos em chapas de vidro revolucionaram o registro fotográfico. Inicialmente úmidos, com a utilização de colódio e nitrato de prata adicionados ao vidro para a emulsão, e depois secos, à base de colódio seco. No entanto, vários outros métodos foram inventados durante o XIX e na transição para o século XX, para se conseguir a emulsão fotográfica; como os negativos em vidro de albumina (que usava sais de prata no vidro e até clara de ovo como meio ligante); assim como posteriormente papel de carvão e papel de platina; e mais tarde, os negativos em vidro de gelatina e brometo de prata. Chegando até o papel fotográfico de fabricação industrial e os negativos em película, como a película em nitrato de celulose (no entanto, inflamável!), depois substituído, a partir da década de 1950, pelo acetato de celulose (mais seguro e não autoinflamável), esses dois últimos especialmente utilizados em películas cinematográficas.



Bolsa de fotógrafo para carregar chapas de vidro. Coleção Guilherme Glück, MIS-PR



Coleções iconográficas



Embalagem para chapas de vidro. Coleção Tridimensionais, MIS-PR.

As coleções selecionadas para a exposição foram a Coleção Guilherme Glück, quase toda composta de negativos em chapas de vidro; a Coleção Dario Vellozo, também composta de chapas de vidro; a Coleção Palácio Iguazu; a Coleção Jesus Santoro, composta, sobretudo, de negativos em acetato; e a Coleção Iconografias, que guarda em sua maioria fotografias em papel.

Chapas de vidro e embalagem

Os negativos fotográficos em chapa de vidro foram selecionados da Coleção Guilherme Glück. Possuem uma dimensão de 13 cm de altura, 9 cm de largura e 2 mm de profundidade. Essas são chapas de vidro secas e, à época, também fabricadas na Alemanha. As chapas de vidro, inventadas no século XIX, foram muito utilizadas, inclusive até a década de 1950, pelo fotógrafo lapeano Guilherme Glück, cuja imensa e valiosa coleção foi doada ao MIS-PR e hoje compõe o acervo da instituição. As chapas de vidro utilizadas pelos fotógrafos das primeiras décadas do século XX geralmente vinham em caixas de embalagem, hoje também parte das coleções.



Embalagem para chapas de vidro. Coleção Tridimensionais, MIS-PR.

Bolsa de fotógrafo

O MIS-PR possui acervada na Coleção Guilherme Glück a bolsa para armazenagem e transporte dos negativos em chapa de vidro, utilizada pelo fotógrafo ao longo de sua carreira e durante os registros fotográficos realizados na cidade da Lapa, Paraná, e região, entre os anos de 1920 e 1950. Feita de couro e com uma alça para posicionar sobre um dos ombros, a bolsa tem uma dimensão de 19 cm de altura, 12 cm de largura e 6 cm de profundidade. Estima-se que esse equipamento de suporte tenha sido fabricado, ou encomendado, pelo próprio Glück para armazenar e carregar as emulsões em chapa de vidro até o seu estúdio na Lapa.

Câmeras fotográficas

As câmeras fotográficas expostas procuraram expressar um pouco dessa trajetória da fotografia, como a câmera grande de fole Herbst & Firl, da década 1910; a câmera também de fole AGC Prontor, surgida durante a década de 1930, ambas fabricadas na Alemanha; a câmera Unicamatic, conhecida como “caixotinho”, dos anos 1950. Essa uma raridade, pois era fabricada em Curitiba pela empresa Fotobras. Bem como a Yashica MF3, câmera fotográfica que foi fabricada exclusivamente no Brasil na década 1980.



Visitantes da exposição, José Kalkbrenner e João Urban.



Público e museu

O público de museus tem se tornado cada vez mais diversificado e, ao mesmo tempo, exigente. O aparecimento das mídias digitais e as redes sociais revolucionaram os processos de comunicação, as relações entre emissores e receptores das mensagens; interativa e dinâmica as redes sociais conduzem a informação instantaneamente, tornando os conteúdos mais universais e, consequentemente, mais suscetíveis às críticas e à construção de novas narrativas.

E os museus hoje, por outro lado, não podem prescindir de possibilitar ao público leituras historiográficas inovadoras e com novas abordagens, a historiografia oficializada e os circuitos permanentes e temporários de museus, sobretudo museus históricos como o MIS-PR, que ainda repercutem o que se chama “história oficial, das elites e dos ‘vencedores’” não é mais possível e aceitável.

A complexidade da história humana e dos eventos históricos, consequentemente também herdados pelos objetos e documentos que os representam, pode e deve ser abordada de maneira mais democrática e cidadã. Desvelar os protagonistas anônimos da história e as histórias humanas propositalmente veladas deve ser um dos principais objetivos dos museus atualmente.

No caso brasileiro, e paranaense, e com relação à função dos museus que preservam acervos e coleções audiovisuais, essas novas narrativas, muitas vezes presentes de forma imanente nos acervos, devem ser exploradas.

Por outro lado, a inclusão e as muitas formas de dar voz a públicos que em geral não são contemplados nos espaços de cultura é fundamental; como as pessoas com deficiências por exemplo.

E foi dessa forma que a exposição **Imagens do MIS, Diálogos com o tempo** foi trabalhada, em parceria com as pessoas com deficiência visual e cegas, possibilitando de maneira inédita no MIS-PR uma mostra com audiodescrição, buscando realizar esses objetivos descritos, historiografia crítica e ampliação da cidadania.





Deficiente visual ouvindo por aplicativo de celular descrição da fotografia a partir de QR Code com audiodescrição.



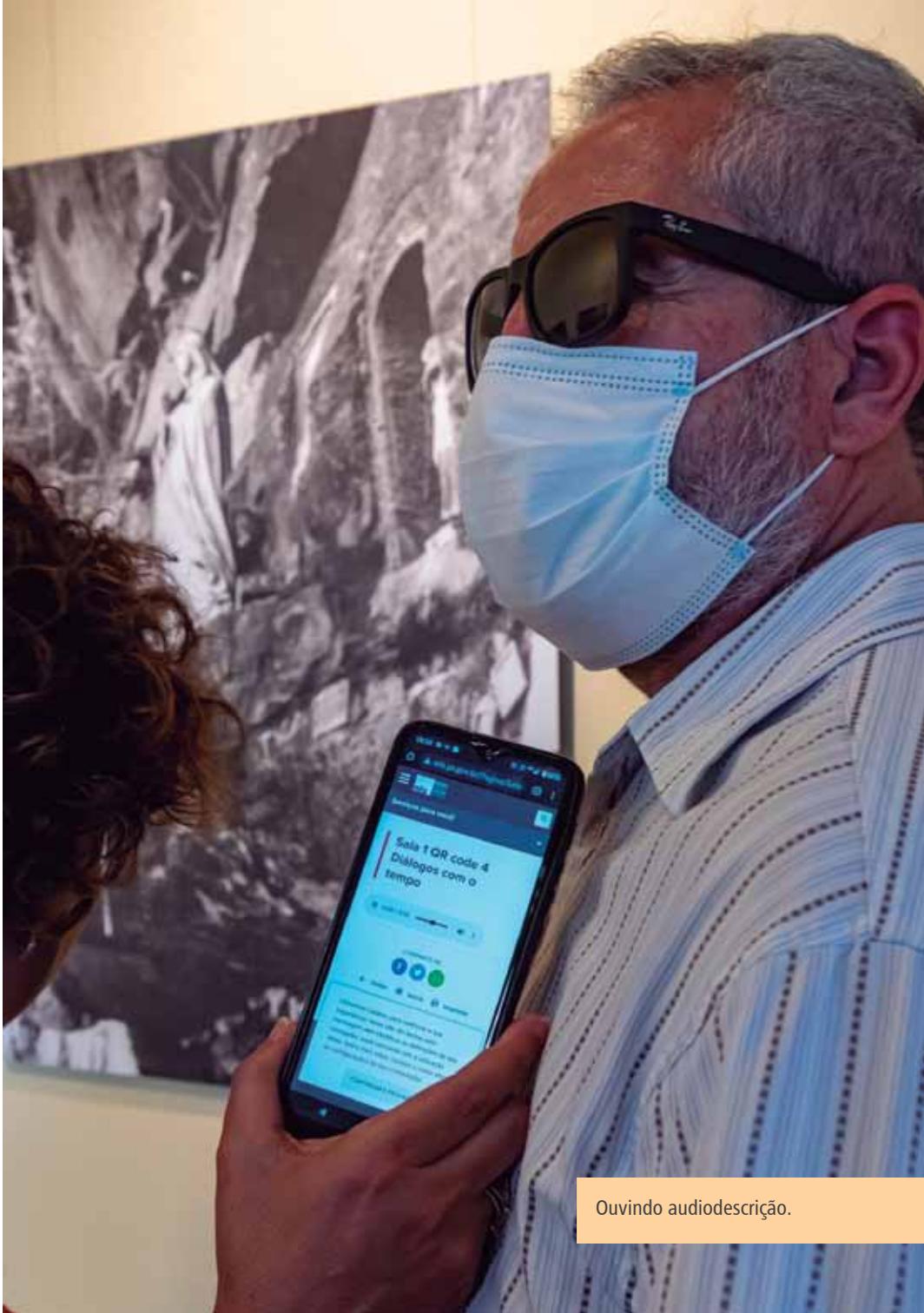
Proposta inclusiva

Audiodescrição

Captada através de QR Code nas etiquetas e realizada pela empresa Vias Abertas – Comunicação, Cultura e Inclusão, em parceria com o MIS-PR e a Rádio Paraná Turismo, a audiodescrição foi uma proposta inovadora utilizada na exposição Imagens do MIS, **Diálogos com o tempo**. Pelo seu caráter inclusivo, essa técnica permite que as pessoas com deficiência visual e cegas, através de aparelho celular, possam captar no formato de áudio as informações sobre fotografias e tridimensionais expostos, que constam nas etiquetas dispostas no circuito, bem como dos banneres e outros textos, e assim ouvir todos os detalhes disponíveis. Nesse sentido, esse público pode ter acesso mais completo às narrativas propostas.

As informações na audiodescrição devem ser as mais abrangentes possíveis, não só contendo o descrito dos acervos, mas as características gerais deles como dimensão, cores, formatos, etc. Permitindo a total compreensão imagética do que está em exposição.

Coordenado e produzido, a partir dos textos, pelos profissionais Manoel Negraes, também deficiente visual, e Brisa Teixeira, o trabalho audiodescritivo foi uma inovação, pois esse recurso, extremamente necessário e inclusivo, é ainda pouco utilizado na área da cultura, tanto em exposições como nos circuitos dos museus. Como atesta o próprio Manoel Negraes: “A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que vem ganhando espaço nos últimos anos. Aqui em Curitiba ainda são poucos os locais que oferecem esse recurso, então é muito importante o MIS oferecer audiodescrição em uma exposição tão bacana que tem um material histórico tão rico e diverso”.



Ouvindo audiodescrição.





Circuito expositivo



Câmera Herbst & Firl, modelo G. Origem: Alemanha, década de 1910.
Coleção Tridimensionais, MIS-PR.

Sala de abertura da exposição, onde foi disposto um painel de apresentação com texto-imagem discorrendo sobre o conteúdo geral do trabalho, bem como o livro de visitas disponibilizado para registro dos visitantes. A sala de recepção abrigou também a pioneira câmera de fole Herbst & Firl, 1910.



Recepção



Câmera de fole, modelo AGC Prontor. Alemanha, década de 1930.
Coleção Tridimensionais, MIS-PR.

Roteiro inicial do circuito expositivo. Para essa sala foram selecionadas 10 imagens fotográficas, reproduzidas em preto e branco, nos tamanhos 40cm x 60cm, 100cm x 70cm e 140cm x 100cm. Nessa sala há apenas um tridimensional: a câmera de fole AGC Prontor, 1930.

Sala 1





Camponês em Araucária (João Pirog). Colônia Thomaz Coelho, Paraná. Década de 1980. Coleção Iconografias, MIS-PR. Foto João Urban



Senhores do mate com foto de Getúlio Vargas, décadas de 1930 e 1940
Coleção Guilherme Glück, MIS-PR



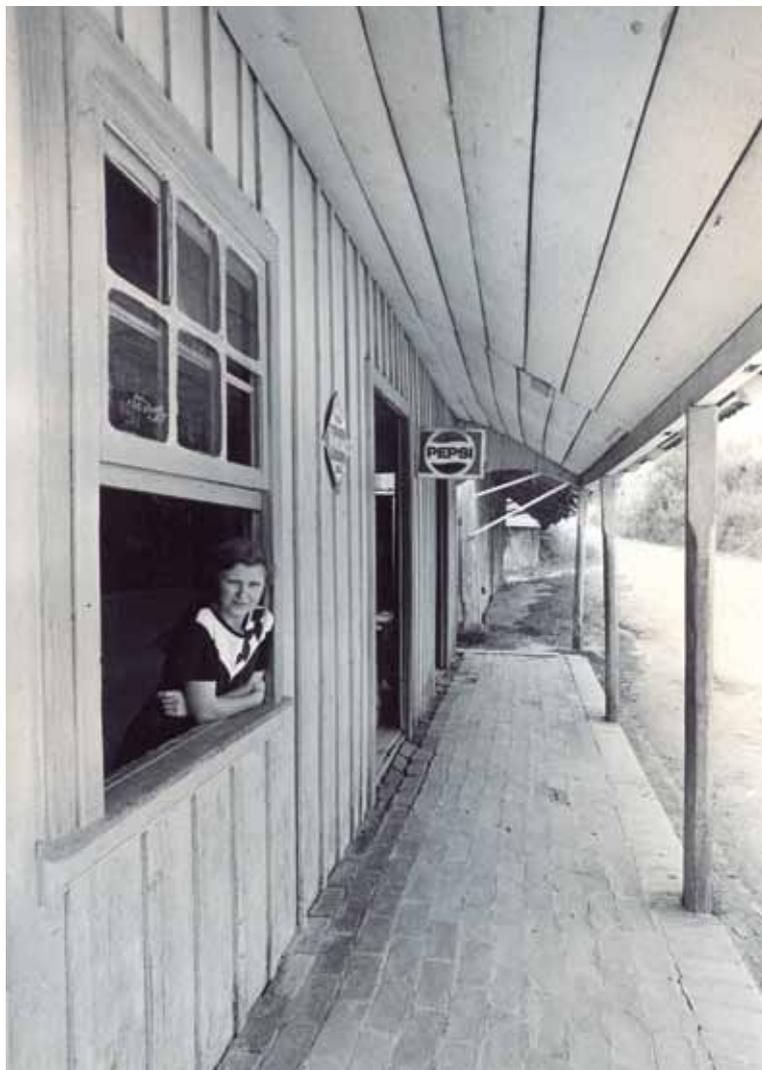
Senhor com menino no interior do Paraná, décadas de 1930 e 1940
Coleção Dario Vellozo, MIS-PR



Camponeses no interior do Paraná, década de 1940
Coleção Guilherme Glück, MIS-PR



Gruta da Lapa, Paraná, década de 1960
Coleção Iconografias, MIS-PR



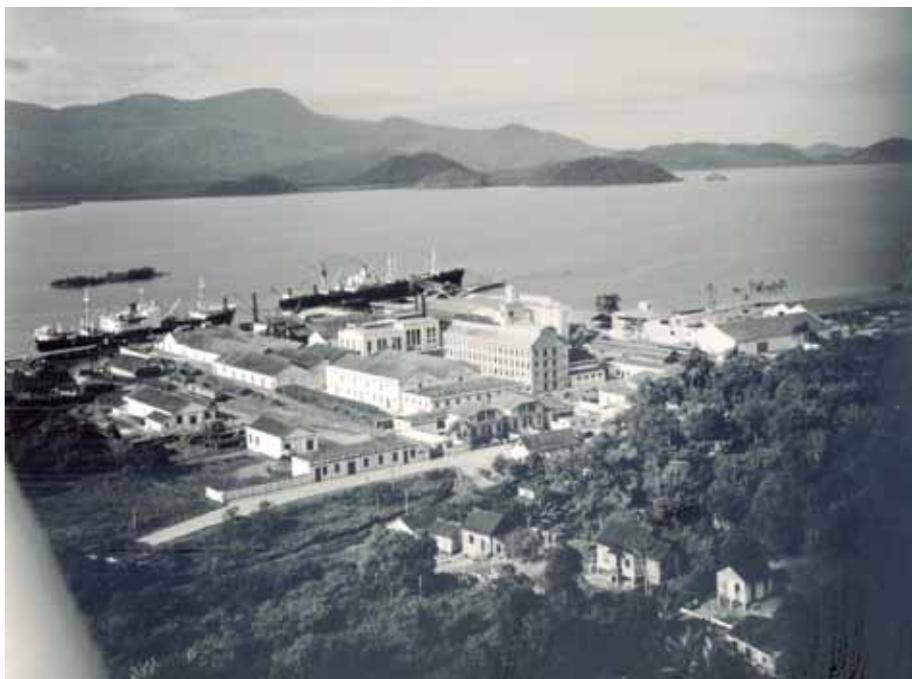
Mulher e o comércio (Irene Mazur), Colônia Thomaz Coelho, Paraná, década de 1980. Coleção Iconografias, MIS-PR. Foto João Urban



Rio Negro, Paraná. Décadas de 1910 e 1920
Coleção Dario Vellozo, MIS-PR



Pescadores no litoral do Paraná, década de 1950
Coleção Iconografias, MIS-PR



Porto de Antonina, Paraná, década de 1940
Coleção Iconografias, MIS-PR



Camponeses em fazenda de café no Norte do Paraná, décadas de 1960 e 1970
Coleção Jesus Santoro, MIS-PR



Circuito da exposição e Câmera Unicamatic, modelo "caixotinho", Brasil, fabricada pela empresa Fotobras de Curitiba, década de 1950. Coleção Tridimensionais, MIS-PR.

Prolongamento do circuito expositivo, onde o visitante podia fruir a leitura de um banner sobre o percurso da fotografia, começando pela invenção do daguerreótipo, 1839, e a chegada desse equipamento, precursor das modernas câmeras fotográficas, ao Brasil em 1839-1840. Nessa sala, perfazendo o contexto da exposição, foram expostas as câmeras fotográficas Unicamatic, 1950, e Yashica MF3, 1985.



Sala 2



Caçada de onça nos sertões do Paraná, décadas de 1930 e 1940
Coleção Iconografias, MIS-PR

Na sala três, trajetória final do circuito da exposição, foram expostas sete imagens reproduzidas. Seis quadros nos tamanhos 60cm x 80cm e um grande, ocupando uma única parede expositiva e abordando a questão indígena (imagem da Coleção Iconografias mostrando os índios Xetá diante da destruição geoambiental colonizadora), no tamanho 1m80cm x 2m50cm.

Na mesma sala um expositor centralizado exibia os negativos em chapa de vidro e a embalagem que era utilizada para armazená-los, e a bolsa de fotógrafo em couro utilizada pelo fotógrafo Guilherme Glück na Lapa, entre as décadas 1920 e 1950, para transporte desses itens preciosos de emulsão fotográfica – precursores do filme fotográfico diapositivo que seria inventado na década de 1930, mas teria sua expansão somente a partir da década de 1950, pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Sala 3



Índigenas paranaenses no interior do Paraná, década de 1950
Coleção Iconografias, MIS-PR





Famílias rurais e banda musical na região da Lapa, Paraná, décadas de 1930 e 1940
Coleção Guilherme Glück, MIS-PR





Pessoas com paisagem antiga do Paraná, décadas de 1910 e 1920
Coleção Dario Vellozo, MIS-PR



Papa João Paulo II em Curitiba, Paraná, em 06 de julho de 1980.
Coleção Palácio Iguaçu, MIS-PR



Camponesa paranaense, décadas de 1960 a 1980
Coleção Iconografias, MIS-PR







Construção de estrada de ferro no Paraná, décadas de 1920 e 1940
Coleção Iconografias, MIS-PR



Imagens dos documentários **Mato Eles**, 1983, e **Quilombolas das Lauráceas**, 2012 exibidos durante a exposição.

No contexto da exposição foram também exibidos, em sessões contínuas na sala de cinema do museu, os curtas-metragens **Matos Eles**, de Sérgio Bianchi, realizado no ano de 1983, abordando a exploração colonizadora e o extermínio das populações indígenas na região do município de Mangueirinha no Paraná, e **Quilombolas das Lauráceas**, de Flávio Rogério Rocha, produzido durante o ano de 2012 e que aborda a cultura e as tradições ancestrais das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, no Paraná; região vicinal ao Parque Estadual das Lauráceas, estabelecido na região do município de Adrianópolis, em 1979, e abrangendo as áreas culturais dessas comunidades quilombolas remanescentes.

Documentários



Abertura da exposição com deficiente visual ouvindo audiodescrição da imagem captada dos QR Codes das etiquetas.

No dia 30 de novembro de 2021 a exposição **Imagens do MIS, Diálogos com o tempo** foi inaugurada. Com a presença da Diretora do museu, Mirele Camargo, a Superintendente-Geral de Cultura do Paraná, Luciana Casagrande Pereira, as equipes de organização e curadoria, e outras autoridades presentes. O público pôde então ter os primeiros contatos com o trabalho finalizado.

Por ser uma das primeiras exposições de arte com audiodescrição na cidade de Curitiba, possibilitando a total inclusão das pessoas cegas e com deficiências visuais, chamou bastante a atenção do público em geral e da mídia. Tornando-se uma referência, não somente pelos seus aspectos expográficos e técnicos, mas, sobretudo, pelo seu apelo à consciência social e à cidadania.

Abertura



Abertura da exposição.









A expografia foi pensada para que ocupasse as três salas expositivas no piso térreo do museu, perfazendo um circuito de leitura em sentido horário e possibilitando ao público uma fruição estética e historiográfica da narrativa proposta. São 17 imagens reproduzidas das chapas de vidro e fotografias em suporte de papel das coleções Guilherme Glück, Jesus Santoro, Dario Vellozo, Palácio Iguazu, além de iconografias e tridimensionais.

Montagem das salas expositivas



Diálogos
tempo







Anexo 01

Números anteriores da Coleção Cadernos do MIS-PR

Nº	TÍTULO	ANO	TEMA	GESTÃO
01	O Tropeiro	1988	A história e importância do tropeirismo para o desenvolvimento do sul e centro-sul do Brasil.	Valêncio Xavier
02	O Caderno de Dona Selmira	1989	O retrato de como era a vida no interior do Paraná, ao final do século XXI e durante o século XX, através dos registros feitos por Dona Selmira em seu caderno.	Valêncio Xavier
03	Cachorro não. Chichorro!	1989	Entrevista realizada com o jornalista, escritor, poeta e cartunista Alceu Chichorro, a respeito da sua trajetória na imprensa paranaense.	Valêncio Xavier
04	Resoluções 1989	1989	I Fórum Nacional de Museus da Imagem e do Som e Instituições Afins.	Valêncio Xavier
05	Antigo Prédio do Governo	1989	A trajetória histórica e política do antigo Palácio do Governo ou Palácio do Rio Branco.	Valêncio Xavier
06	Ci(s)ne: Lélío Sotto Maior Junior	1989	A importância do trabalho de Lélío Sotto Maior Junior para a cinematografia no Paraná e no Brasil.	Valêncio Xavier
07	Bento Fala Sobre o Paraná	1989	Transcrição da palestra de Bento Munhoz da Rocha Netto sobre heranças paranaenses.	Valêncio Xavier
08	Rodolfo Guerke, Fotógrafo	1989	Transcrição da entrevista feita por Valêncio Xavier com Rodolfo Guerke sobre o seu trabalho com fotografia e cinema no Paraná.	Valêncio Xavier
09	Pequeno Vocabulário Indígena	1989	O vocabulário indígena levantado e traduzido por José Julio Cleto da Silva – 1940	Valêncio Xavier
10	Tadeu Morozowicz	1989	Entrevista realizada por Ivan Curi e Sá Barreto com o professor Tadeu Morozowicz sobre sua trajetória na arte.	Valêncio Xavier
11	O Caderno de Dona Isaura	1989	As narrativas de Dona Isaura e sua história de vida no Paraná.	Valêncio Xavier
12	Filmes Vistos e Anotados	1990	O trabalho de Francisco Bettega Netto como crítico de cinema.	Marisa Villela

13	Helena Kolody Poetisa	1990	Depoimento dado ao Museu da Imagem e do Som do Paraná por Helena Kolody, em 1989, contando fatos de sua vida e trajetória como poetisa.	Valêncio Xavier
14	A História da PRB-2: Programa Radiofônico de Paulo de Avelar	1990	Transcrição do Programa Radiofônico de Paulo de Avelar, transmitido pela PRB-2, em 27/06/1958.	Valêncio Xavier
15	Maria Conceição da Rocha: Fotógrafa	1990	Depoimento de Maria Conceição da Rocha a Claudia Brito e Graça Bandeira para o Museu da Imagem e do Som do Paraná.	Valêncio Xavier
16	Fim de Baile, Música a pé: No Compasso do Capitalismo Musical.	1990	Roteiro da Ribalta Filmes.	Valêncio Xavier
17	O Automóvel 117	1991	A trajetória histórica e política do antigo Palácio do Governo ou Palácio do Rio Branco.	Valêncio Xavier
18	Precursores do Cinema Contemporâneo: Lélío Sotto Maior Junior	1991	O trabalho de Lélío Sotto Maior Junior sobre os vários tipos de cinema ao redor do mundo.	Valêncio Xavier
19	Fernando Severo: Cineasta e Vídeo-maker	1992	A trajetória profissional do cineasta Fernando Severo no Paraná. Regina Wallbach	Valêncio Xavier
20	No Giro da Manivela: Zito Alves	1996	Homenagem ao cronista cinematógrafo Zito Alves.	Fernando Bini
21	Stellinha Egg	1999	Breve biografia sobre a artista Stellinha Egg.	Francisco Carlos Nogueira
22	Zig Koch: Fotógrafo	2000	Breve biografia sobre o fotógrafo Zig Koch.	Francisco Carlos Nogueira
23	Um Retrato de Guilherme Glück	2000	A vida do fotógrafo Guilherme Glück, e sua trajetória profissional entre as décadas de 1920 e 1950.	Francisco Carlos Nogueira
24	Docontaminado	2001	Ensaio sobre o documentário brasileiro pelo cineasta paranaense Sylvio Back.	Francisco Carlos Nogueira

Anexo 02

Evolução da fotografia nos séculos XIX e XX

1827	Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833). Inventa a heliografia, primeiras gravações de imagens usando o betume da Judeia.
1835	William Henry Fox-Talbot (1800-1877). Cria o desenho fotogênico, processo pelo qual silhuetas de folhas, plumas e outros elementos naturais e objetos eram captados em papel.
1839	Louis Jacques Mandè Daguerre (1787-1851). Cria o daguerreótipo, que chega ao Brasil nesse mesmo período, entre 1839-1840.
1839	Chegada do daguerreótipo ao Brasil, apresentado na Hospedaria Pharoux, Rio de Janeiro, em 17 de Janeiro de 1840. Primeiras fotografias feitas no Chafariz do Largo do Passo, Praça do Peixe e Mosteiro de São Bento.
1847	Abel Niépce de St. Victor (1805-1870). Inventa o negativo em albumina.
1850	Louis Désiré Blanquard-Everard (1802-1872). Inventa a impressão em albumina.
1851	Frederick Scott Archer (1813-1857). Inventa a emulsão em colódio úmido em chapa ou placa de vidro.
1851	Surge o ambrótipo. Imagem fotográfica positiva sobre chapa de vidro por processo de prata coloidal.
1855	Surge o ferrótipo ou ferrotipia. Método que criava uma imagem positiva sem negativo, em uma chapa fina de ferro revestida com esmalte escuro ou verniz.
1859	André Adolphe Eugene Disderi (1819-1889). Cartão de visita. Cria um sistema que tornou as fotografias acessíveis, a "carte-de-visite". Numa só placa colocava muitos retratos, assim economizava produtos químicos, placas e tempo.
1864	Walter B. Woodbury (1834-1885). Cria a woodburytipia, processo fotomecânico de realização da fotografia.

1864	Surge a impressão em papel de carvão, também conhecida como fotografia permanente ou cromotipia.
1871	Richard Leach Maddox (1816-1902). Cria o processo de emulsão fotográfica seca, em chapas secas de prata coloidal.
1879	William Willis (1841-1923). Cria a platinotipia, impressão fotográfica com o uso de emulsão em sais de platina e paládio.
1883	Hermann Wilhelm Vogel (1834-1898). Descoberta de sensibilização cromática dos sais de prata. O que torna possível a fotografia colorida.
1889	George Eastman (1854-1932). Criador da Eastman Kodak Company e inventor da película em rolo que revolucionou a cinematografia e a fotografia.
1912	Aparece a revelação fotográfica cromogênea.
1935	Surgimento do kodachrome, filme diapositivo fabricado pela Kodak. Produzido para fotografia e cinema, nos formatos 8 mm, 16 mm e 35 mm.
1948	Edwin Herbert Land (1909-1991). Inventa a fotografia instantânea, mais conhecida como Polaroid.
1969	A tecnologia do CCD (charge-coupled device) é desenvolvida por George Smith e Willard Boyle nos laboratórios Bell, Nova Jersey, USA. Depois utilizada nas câmeras digitais.
1975	No laboratório da Eastman Kodak Steve Sasson cria o que se considera o primeiro protótipo de câmera fotográfica digital, a "Fotografia sem Filme".
1981	É lançada no mercado a câmera fotográfica digital All Sky a partir das pesquisas nos laboratórios da Universidade de Calgary, Canadá. A Sony apresenta a primeira versão da Sony Mavica, câmera de vídeo que captava também imagens fotográficas digitais.

Museu da Imagem e do Som do Paraná
MIS-PR

Diretoria

Mirele Camargo

Setor de Acervo e Pesquisa

José Luiz de Carvalho

Gérson Ferreira

Cicely Salamunes

Raianne da Luz Vaz

Pesquisa | caderno

José Luiz de Carvalho

Raianne da Luz Vaz

Elaboração de Texto

José Luiz de Carvalho

Equipe Técnica do MIS PR

Setor Administrativo

Gefferson Vaz

Setor Educativo

Vânia Machado

Assessoria Técnica

Anelissa Furtado Rodrigues

Apoio

Gilson Caetano de Carvalho